

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE HAITIANOS NO BRASIL

Renata Aparecida Ianesko (UFMS/UNIR/FAPERO)

re.ianesko@gmail.com

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo problematizar a construção de identidade dos sujeitos haitianos moradores da cidade de Três Lagoas. Esta pesquisa se insere na visão discursivo-desconstrutivista, assim, abordamos as noções de sujeito, discurso e formação discursiva pela leitura de Michel Pêcheux (1990) e Michel Foucault (2008); representação e identidade, pelo viés de Maria José Coracini (2007). Nesta pesquisa, analisamos o discurso como um lugar que possibilita a relação entre língua e ideologia (ORLANDI, 2009, p. 17), assim, por meio de entrevistas semiestruturadas, gravadas e transcritas, buscamos refletir sobre as ideologias dos haitianos e sua construção identitária. Por fim, podemos observar, por meio das análises, que no discurso dos entrevistados perpassa a sua representação de estrangeiro com muitas restrições sociais, sendo uma delas a língua do país escolhido, no caso, o Brasil.

Palavras-chave: Haitiano. Identidade. Construção

1. Introdução

No século XX, especialmente a partir da segunda metade, tem-se assistido à migração em massa de haitianos para outros países em busca de melhores condições de vida, seja por liberdade política e social, seja pela busca de oportunidades de trabalho ou estudos e, nesse sentido o Brasil figura como um dos destinos da emigração haitiana na contemporaneidade, e em especial nos referimos neste trabalho, ao contexto da cidade de Três Lagoas, no estado do Mato Grosso do Sul.

Acreditamos que isso tenha ocorrido, principalmente, porque em 2010, o Haiti viveu um dos mais terríveis episódios de sua história, um terremoto que deixou mais de 1,5 milhões de desabrigados, o que fez com que os haitianos procurassem formas de melhorarem suas vidas e um dos destinos mais procurados foi o Brasil, país que já recebeu mais de 38,000 haitianos que entraram sem documentos ou visto.

O contexto desta pesquisa é atravessado pelas relações de poder e, por isso, é importante dar relevância a essa questão. Acreditamos, assim que os haitianos, por estarem no Brasil, em busca de melhores condições de vida, constituem sua subjetividade numa constante arena de luta.

Assim, esse trabalho tem como objetivo principal refletir sobre a

representação da identidade dos sujeitos haitianos do município de Três Lagoas, inseridos em um processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa como língua estrangeira a partir da perspectiva discursiva da análise de discurso de vertente francesa.

2. *A visão desconstrutivista*

Jacques Derrida obteve, durante sua trajetória, admiração e desprezo por parte de seus leitores. Em 1966, momento em que proferiu em uma conferência na Universidade de Johns Hopkins, Jacques Derrida teve seu reconhecimento finalmente alcançado por parte de estudiosos linguistas e literários. O que ele propunha era um movimento chamado de “desconstrução, que objetivava, principalmente, mudanças nas formas de procedimento na significação do discurso, desmanchar princípios, desconstruiu postulados. Segundo Jacques Derrida e Elizabeth Roudinesco (2004, p. 9), “utilizado pela primeira vez por Jacques Jacques Derrida em 1967 na gramatologia, o termo ‘desconstrução’ foi tomado da arquitetura. Significa a decomposição de uma estrutura”

No entanto, percebemos que há uma preocupação por parte dos autores de demonstrar que a corrente teórica da Desconstrução não está ligada a destruição, mas sim a desfazer, assim, “Em sua definição derridiana, remete a um trabalho do pensamento inconsciente (isso se desconstrói), e que consiste em desfazer, sem nunca destruir, um sistema de pensamento hegemônico e dominante” (DERRIDA & ROUDINESCO, 2004, p. 9). É um descentramento, uma desestabilização do logocentrismo e de (pré)conceitos que se baseiam no etnocentrismo, é por meio da desconstrução que há o acesso às omissões e os não-ditos na história da humanidade.

Acreditamos que vivemos atravessados por possíveis verdade, preceitos, memórias e ideologias que são baseadas na filosofia positivista, sendo assim o homem estaria vivendo cercado das limitações impostas pelo contexto social que se inscrevem. (FOUCAULT, 1995)

Para Jacques Derrida, a linguagem tem papel fundamental nos estudos filosóficos e, contrariando o pensamento ocidental, a linguagem traria esse jogo de diferenças, ou seja, Jacques Derrida não concordaria com as relações binárias que a lógica era baseada, como verdadeiro / falso, bem/mal. Segundo Kanavillil Rajagopalan, (2000, p. 121),

Um dos pontos chaves da estratégia desconstrutiva tem sido a de interro-

gar sem piedade as oposições binárias com que nos acostumamos a raciocinar. Estamos nos referindo aos pares de termos como natureza/cultura, realidade/aparência, causa/efeito, língua/fala, significante/significado, homem/mulher e por aí vai.

Dessa maneira, poderíamos pensar que as palavras poderiam significar além do que elas significam, ou seja, é por meio da linguagem e na riqueza de suas possibilidades de significados que nunca poderíamos pensar em interpretação única de texto ou significado fixo.

Para além do estruturalismo, segundo Jacques Derrida (2002) a interpretação de um texto, por exemplo, está mais ligada ao descobrir os significados que baseiam o texto, a matéria simbólica, do que a intenção do autor, que seria apenas a superfície do texto. Assim, para o autor:

Onde e como se produz esse descentramento como pensamento da estruturalidade da estrutura? Para designar esta produção, seria algum tanto ingênuo referirmo-nos a um acontecimento, a uma doutrina ou ao nome de um ator. Esta produção pertence certamente à totalidade de uma época, que é a nossa, mas ela já começou há muito anunciar-se e a trabalhar. (DERRIDA, 2002, p. 232)

É nesse sentido que o autor denuncia a arbitrariedade da valorização de uma tradição baseada no pensamento ocidental.

Com relação a corrente teórica da chamada “desconstrução”, podemos citar duas obras importantes para o trabalho derridiano, como o próprio autor observa:

pode-se inserir a *Gramatologia* no meio d'*A escritura e a diferença*, uma vez que seis dos textos dessa obra são anteriores, de fato e de direito, à publicação, há dois anos, em *Critique*, dos artigos que anunciam a *Gramatologia*, os cinco últimos, a partir de 'Freud e a cena da escritura', estão envolvidos na abertura gramatológica. (DERRIDA, 2001, p. 10)

Essa citação está publicada em uma entrevista com o título de “Implicações”, que foi feita com Henri Rose e traduzida por Tomaz da Silva no ano de 2001. Dessa maneira, observamos que *Gramatologia* e *A Escritura e a Diferença* se apresentam como os livros responsáveis pelo início dessa corrente teórica.

No terreno da desconstrução encontramos a possibilidade de um novo posicionamento, de uma memória, do reconhecimento o qual afirma que o texto é, na verdade, um testemunho. Para Jacques Derrida (2001, p. 48), “Um dos dois termos comanda (axiologicamente, logicamente etc.), ocupa o lugar mais alto. Desconstruir a oposição significa, primeiramente, em um momento dado, inverter a hierarquia”.

Um conceito importante para esse trabalho está amparado em uma colocação de Jacques Derrida no que diz respeito a escrita da palavra “diferença”. Essa palavra é um termo que aparece grafado como “*différance*” nos textos filosóficos, o que seria uma forma diferente de escrita da palavra “*différence*”. Assim, a troca do “a” no lugar do “e”, tem como objetivo mostrar como o significado pode se alterar na linguagem, enaltecendo, desta forma, a ausência da possibilidade de sentidos e significados absolutos. Essa mudança, no entanto, só se dá no aspecto de significado, e escrita, visto que sua pronúncia continua a mesma, enaltecendo as sutilezas das diferenças de significado. Ele pretendia mostrar também que uma escrita puramente fonética não existe. Ela se refere à possibilidade de estender os sentidos de uma palavra, a qual carrega a ideia da multiplicidade, de não rigidez, de incompletude.

A palavra “*différance*” teria origem no termo latino *difere*, com o conceito de “adiar”, “atrasar”, “procrastinar”, diferente do conceito usualmente utilizado de “divergir” e “discordar”. Dessa maneira, o termo *difere* (diferir) traria o sentido de que qualquer termo teria seu significado mudado dependendo do momento histórico que fora pronunciado, tendo uma alteridade possibilitando, segundo Jacques Derrida e Elizabeth Roudinesco (2004, p. 33), “pensar o processo de diferenciação para além de qualquer espécie de limites: quer se trate de limites culturais, nacionais linguísticos ou mesmo humanos”.

No entanto, o próprio Jacques Derrida (1991, p. 52) descreve a dificuldade em descrever o conceito de *différance*. Segundo o autor

Tocamos aqui o ponto da maior obscuridade, o próprio enigma da *différance*, aquilo que justamente lhe divide o conceito por meio de uma estranha partilha. Não é necessário que nos apressemos em decidir. Como pensar simultaneamente a *différance* como desvio econômico que, no elemento mesmo, visa sempre reencontrar o prazer ou a presença diferida por cálculo (consciente ou inconsciente) e, por outro lado, a *différance* como relação com a presença impossível, como dispêndio sem reserva, como perda irreparável da presença, usura irreversível de energia, mesmo como pulção de morte e relação com o inteiramente-outro que, na aparência, interrompe toda e qualquer economia?

Jacques Derrida acredita que a psicanálise seja uma forma de interpretação, fomentada por um recálculo, um ponto atrativo de repressão.

O pressuposto da psicanálise mais básico seria que o sujeito humano é uma entidade complexa. O que forma o sujeito é uma rede de estruturas contraditórias, assim, podemos dizer que estamos apenas parcialmente conscientes. O sujeito é constituído por vários fatores que estão

conectados uns aos outros, como fatores sócias, ideológicos, políticos, acadêmicos e materiais. Dessa maneira, o consciente seria apenas uma parte desse contexto. Para o psicanalista o conceito de memória está ligado a questões do inconsciente o que não constituem memória.

3. *Metodologia*

Partimos da perspectiva de que a análise do discurso, é um lugar privilegiado de manifestação da ideologia de acordo com José Luís Lopes Brandão (2012, p. 11). Por isso, acreditamos que para refletir questões referentes a identidade dos haitianos pesquisados seja importante nos basearmos na metodologia teórica da análise do discurso, a qual tem como objeto de estudo o discurso e não a língua em si. Assim, para Eni Puccinelli Orlandi (1986, p. 107) o texto na análise do discurso é considerado “não em seu aspecto extensional, mas qualitativo, como unidade significativa da linguagem em uso, logo unidade de natureza pragmática”.

Segundo Maria José Coracini (2007, p. 15), para entender ou, ao menos, rastrear o que Michel Foucault pensa sobre identidade é preciso, primeiramente, entender o que ele pensa sobre arquivo e memória. De acordo com a autora, arquivo para Michel Foucault não seria a soma de todos os documentos ou discursos armazenados na história de uma cultura, mas sim a razão pela qual se justifica o discurso, ou seja, é “a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares” (FOUCAULT, 2004, p. 147). Com relação à memória, Maria José Coracini (2007, p. 16) afirma que “não se pode lembrar se o que aconteceu não tiver sido esquecido, porque recordar é sempre interpretar. A memória é, portanto, sempre esquecimento, pois é sempre interpretação de algo que passou”.

Assim, corroboramos a Maria José Coracini (2007, p. 17) quando a autora afirma que para entender o sentido de identidade é preciso compreender o conceito de arquivo e memória de Michel Foucault, primeiramente. A ligação entre os dois conceitos com a questão de identidade estaria relacionada à imagem que construímos de nós mesmos, essa imagem é baseada no olhar do outro sobre nós, ou seja, a imagem que temos de nós mesmos é construída pelos outros e aceita por nós como verdade, assim, para Michel Foucault o sujeito é uma construção social, o qual está em constante transformação. Esse conceito sobre identidade é também exposto em Jacques Lacan (1966).

Maria José Coracini (2007, p. 240) relaciona a questão de representação com a construção de identidade. Para ela, essa relação não depende da interação que o sujeito tem com o outro, pois “toda representação se constrói a partir das experiências pessoais, mas não apenas: elas se constroem a partir das experiências dos outros, daqueles que nos cercam e que nos levam a crer nisto ou naquilo, que nos dizem quem somos”. (CORACINI, 2007, p. 240)

Dessa maneira, essa metodologia de análise pressupõe um estudo que observe a materialidade discursiva, pois para Michel Pêcheux (1988), a língua seria um lugar em que os efeitos de sentido são realizados. Consideramos, nessa perspectiva, que é possível haver a desconstrução nos discursos, ou seja, não há apenas um sentido para cada discurso, e a sua interpretação dependerá dos âmbitos sociais aos quais eles foram pronunciados. Segundo Eni Puccinelli Orlandi (1999, p. 15),

a análise do discurso como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra etimologicamente tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr, de movimento.

Para Michel Foucault (2005), o discurso possui esse caráter de não fixidez quando fala sobre a problematização do linguístico com o histórico social, da descontinuidade, do descentramento, e do processo diaspórico dos sentidos.

Para Gregolin (2004, p. 91) o método arquiogenealógico se caracteriza em um procedimento que procura “enxergar analiticamente na dispersão de enunciados, regularidades de acontecimentos discursivos”.

Assim, segundo Freda Indursky (1997, p. 17), “a análise do discurso pressupõe a linguística, mas não se limita a ela”. Na análise do discurso, a linguagem seria um produto sócio-histórico e não um sistema abstrato, no qual os sentidos não são estáveis e transparentes ou fixos, e sim construídos socialmente em determinado período histórico, por isso a linguagem não é um produto acabado, mas sim um processo em construção.

Nos basearemos na teoria de Michel Foucault (2010, p. 122) quando afirma que o discurso é um conjunto de enunciados, os quais se apoiam em uma mesma área de conhecimento, podendo ser eles o “discurso clínico, discurso econômico, discurso da história natural, discurso psiquiátrico” e todos os demais discursos de um mesmo sistema de formação.

E também de Michel Pêcheux (1988, 1997), quando fala sobre o processo de reinserção do discursivo, dos efeitos de sentidos e ainda com o processo histórico no cenário da linguagem, o sujeito emerge como ponto principal, pelo viés da memória intradiscursiva.

O sujeito para a análise do discurso é o sujeito do discurso, social, pois não é apenas um reproduzidor de arranjos. No entanto, esse sujeito, ilusoriamente, acredita ser o dono de suas palavras e também acredita que determina seu dizer, nos referindo aos esquecimentos de Michel Pêcheux (1988) e para ele os indivíduos são ‘interpelados’ em sujeitos-falantes pelas formações ideológicas que lhes são correspondentes”. (PÊCHEUX, 1988, p. 161)

Partiremos de dois pressupostos, o primeiro é com relação a constituição da identidade dos haitianos pesquisados, os quais são afetados pela alteridade e pela diferença e o contato com o brasileiro, o que provoca neles um estranhamento, responsável pela forma como eles representam a si próprios e ao outro.

O segundo pressuposto é a concepção de sujeito, o qual é multifacetado, clivado, heterogêneo, cuja constituição histórica o leva a ser atravessado por discursos outros e interpelado ideologicamente (PÊCHEUX, 1988). Ou seja, o discurso dos haitianos, assim como todos os outros, é constituído por enunciados de outros discursos, pois o sujeito não é uno, coeso, mas é atravessado por uma heterogeneidade de discursos que o constitui. Para Michel Pêcheux (1988, p. 160),

[...] o sentido de uma palavra, de uma expressão, de uma proposição etc., não existe ‘em si mesmo’ (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas, ao contrário, é determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo sócio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas).

Assim, buscaremos fazer uma análise com base na conceituação de Michel Pêcheux sobre ideologia, que é baseada no livro de Althusser *Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado* (1974) no qual ele discute como os aparelhos ideológicos como escola, família e prisão interferem nas práticas sociais, pois o sentido das palavras não é fixo e nem existe em si, mas é constituído pela interpelação ideológica do indivíduo que o torna um sujeito ideológico.

Com relação às representações de identidades, Stuart Hall (2000, p. 108) explica que

Essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que

elas são, na modernidade tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas; que elas não são nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas. As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação.

Assim, para os estudos culturais, o conceito de identidade pressupõe movimento, algo em construção, ou seja, o conceito passa a ser interpretado como identificação e vai ao encontro da perspectiva desconstrutivista de Jacques Derrida, na medida em que aponta a identidade como um conceito que acontece ‘sob rasura’. Sendo assim, para Stuart Hall (1998), existem múltiplos deslocamentos identitários, deslocamentos esses que acontecem em diferentes momentos da vida do sujeito.

Consideramos, também, os estudos de Gayatri Chakravorty Spivak (2010). A autora afirma que os sujeitos considerados colonizados, não possuem voz ativa quando se referem a si mesmo, mas se representam pelo olhar que os intelectuais constroem deles e de sua identidade e para Stuart Hall (2005), a identidade seria uma categoria em que os indivíduos não são mais vistos como homogêneos e sim fragmentados.

Assim, para refletirmos sobre o discurso dos entrevistados, o qual será gravado em língua portuguesa, partimos do pressuposto de que o sujeito pesquisado se encontra em entrelugares. Ou seja, pela sua formação discursiva (no sentido foucaultiano) observaremos a questão do pertencimento presente em seu discurso.

Para Homi Bhabha (1998), o conceito de entrelugar se dá quando afirma que a relação com a tradição torna possível que os sujeitos tenham uma identidade que vai ao encontro de seus discursos. Para ele “o reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição”. (BHABHA, 1998, p. 21)

Homi Bhabha (1998, p. 20) questiona como podemos entender a questão da identidade se vivemos em uma sociedade contemporânea baseada no movimento, na não-fixidez. Assim,

"esses entrelugares" fornecem terreno para a elaboração de estratégias de subjetivação – singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidade e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade. (BHABHA, 1998, p. 19)

A concepção de identidade dinâmica e fragmentada é defendida por Stuart Hall (2000, p. 104) quando afirma que “essa concepção aceita que as identidades não são nunca unificadas; que elas são, na modernida-

de tardia, cada vez mais fragmentadas e fraturadas”, em outras palavras, as identidades estão em constante processo de transformação e mudança. Assim, o sujeito se encontra presente na contemporaneidade e, por isso, a representação de si deve ser pensada mais como um processo do que como um conceito. Dessa maneira, como pretende Homi Bhabha, o sujeito do ‘entrelugar’ faz com que o “além” seja um momento em que há a “intervenção no aqui no agora”, ou seja, o sujeito do “entrelugar” seria um novo elemento cultural, que se encontra entre o tradicional e o contemporâneo.

É pela questão de pertencimento presente no discurso e da materialização da linguagem que a análise do discurso compõe o sentido dos dizeres e perpassa a questão da identidade refletindo o percurso cultural, histórico e social do sujeito. Michel Foucault (2007), no entanto, não trata sobre o conceito de ideologia, todavia expõe sobre a questão de poder e sobre os conflitos entre as classes.

A linguagem para a análise do discurso é um processo contínuo de construção e transformação e esse processo seria a mediação entre o homem e o meio social ao qual ele se insere e é através dos discursos que são produzidos os sentidos.

Com relação à cultura corroboramos a Milton Santos (2006, p. 222) quando afirma que nós vivemos em um tempo de mudanças, em que a mobilidade se tornou praticamente uma constante, assim, segundo o mesmo autor “os homens mudam de lugar, como turistas ou como imigrantes. Mas também os produtos, as mercadorias, as imagens, as ideias. Tudo voa”.

Para Milton Santos (2006, p. 223), quando o homem muda para uma outra cidade, quando deixa sua cultura para viver em outra, a qual lhe é estranha, essa cultura tende a ser uma sede de alienação para este sujeito e, para ele, inclusive a noção de residência também vem se modificando com o tempo. Assim, “o homem busca reaprender o que nunca lhe foi ensinado, e pouco a pouco vai substituindo a sua ignorância do entorno por um conhecimento, ainda que fragmentário”. (SANTOS, 2006, p. 223)

4. Análise discursiva

Esta pesquisa tem como objetivo fazer a análise de trechos de uma entrevista de um haitiano integrante da turma de portugueses destinados a

haitianos em uma turma formal no município de Três Lagoas (MS) e é baseado no pressuposto da análise de discurso de linha francesa.

No seguinte excerto (1) o haitiano fala sobre as diferenças culturais entre os brasileiros e haitianos:

(1) S8: mas desse jeito assar carne tomando cerveja... mas a única coisa que eu vejo que a diferença no Brasil aqui no Brasil quase todo mundo bebendo:: mas lá é diferente:: assim... é a diferença lá tem gente que bebe... mas igual no Brasil tipo as mulheres os homens tipo:: tem algumas pessoas tipo:: que trabalham em um lugar que tipo... um gerente lá quase se você acha um gerente é... todas pessoas que estão bebendo sabe mas aqui eu vejo todo mundo bebe:: fica legal *é da hora* mas lá tem gente que bebe:: mas não *é da hora* desse jeito está entendendo:: mas *não é da hora* igual as mulheres as mulheres lá não bebem...

Podemos perceber que o aluno ao falar sobre as diferenças culturais com relação a beber em ambientes públicos com os colegas de trabalho tem uma aceitação diferente no Brasil, comparado ao Haiti. Quando o aluno afirma “é da hora” e “não é da hora” nesse contexto ele se refere à atitude de beber em ser aceitável socialmente ou não, e, nesse caso, não seria aceitável no país dele um gerente ou pessoa com cargo superior aos demais, o fato de beber junto com seus colegas de trabalho.

Com relação a sequência discursiva a seguir (2), o sujeito haitiano apresenta sua opinião sobre o mesmo tema, porém com relação à posição das mulheres no contexto:

(2) S8: é costume cada país tem seu costume mas... para nós/para nós lá no Haiti não é muito legal... não para a mulher... bebendo:: eu vejo *aqui tem mulher que bebe mais que homem* lá uma mulher não precisa beber nenhum/nenhum gole de cerveja sabe... vai ficar já bêbada... assim que fala

Acreditamos que pelo motivo do aluno haitiano estar imerso na língua e cultura brasileira, torna-se possível observar questões sobre sua própria cultura, pois segundo Marisa Grigoletto (2001, p. 138), o próprio processo de aprendizagem de uma língua estrangeira propicia o estranhamento, já que o contato com a nova língua e cultura causa o retorno do olhar sobre si mesmo e sobre a sua cultura. Esse movimento de retorno instaura o espaço da diferença, significando que a própria representação de si é afetada pela comparação com o outro (o estrangeiro ou a língua estrangeira).

No trecho (excerto 2) apresentado o sujeito haitiano retoma a questão do costume de beber publicamente. Segundo ele, no Haiti as mulheres não costumam beber publicamente, no entanto, “aqui tem mulher

que bebe mais que homem”, demonstrando sua observação com relação as diferenças percebidas por ele entre Brasil e Haiti. Em seguida ele explica o porquê as mulheres não bebem: “vai ficar bêbada... assim que fala”. Nesse sentido, o sujeito demonstra uma intencionalidade discursiva, justificando sua fala, Maria José Coracini (2007) chama de estratégia retórica argumentativa, com o objetivo de convencer.

Também demonstra um discurso baseado numa visão tradicional baseada no machismo, pois apenas para a mulher não seria aceitável beber “para nós lá no Haiti não é muito legal... não para a mulher”. No entanto, para o homem seria algo aceitável ou “normal”. Segundo Drumont (1980),

... o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher...O machismo enquanto sistema ideológico, oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino, como para o elemento feminino. Ele é aceito por todos e mediado pela liderança masculina. Ou seja, é através deste modelo normalizante que homem e mulher „tornam-se” homem e mulher, e é também através dele, que se ocultam partes essenciais das relações entre os sexos, invalidando-se todos os outros modos de interpretação das situações, bem como todas as práticas que não correspondem aos padrões de relação nele contidos. (DRUMONT, 1980, p. 81)

Quando questionado sobre como se sente socialmente, o haitiano (excerto 3) afirma que

(3) S8: a para mim é:: acho eu acho é legal... eu me senti diferente tipo... *todo mundo está me olhando porque eu sou diferente* mesmo:: você sabe... eu estou sempre me vestindo uma vez diferente de outras pessoas né:: mas o jeito que eu sou também as pessoas me olhando mais está tudo bem... não tenho nada de tipo:: você aparece lá no Haiti... você está diferente do jeito que você está:: tipo... todo mundo vai estar te olhando tipo é legal é por isso que eu estou falando que eu me senti um pouquinho diferente das pessoas estar me olhando porque eu pareço diferente você está entendendo:: não é porque eu acho eu:: eu sou homem mas eu acho legal parecer brasileiro... mas socialmente posso falar que que eu to bem... tudo que um brasileiro faz eu faço também... ir lá no mercado:: pagar no cartão... eu tenho cartão também:: eu pago:: faço dinheiro:: tudo também igual os brasileiros:: socialmente eu acho:: acho muito legal.

No excerto 3 percebemos que o haitiano entrevistado se sente excluído em alguns momentos no seu dia a dia, pois quando afirma que “todo mundo está me olhando porque eu sou diferente” permite que ele se lembre de sua situação atual, que está em um país que não é o seu, e logo se justifica dizendo “porque sou diferente” demonstrando aceitar os olhares sobre ele pela questão da diferença.

No entanto, quando perguntado se se sente excluído o aluno (ex-

certo 4) afirma:

(4) S8:: tipo... *preconceito para mim não existe porque eu tenho orgulho de quem eu sou... eu sei o que eu sou né... você pode me tratar de qualquer jeito que você quiser mas meu jeito... o jeito que você vê as coisas não é do jeito que você me trata você me viu você viu um cara do haitiano uma cara você pode me ver como o cara de uma pessoa ruim mas para você eu sou homem... eu tenho cara de pessoa ruim mas no meu coração eu sou uma pessoa boa... eu sei o que eu quero:: eu sei de onde eu quero ir não é assim que fala:: é... mas a discriminação não existe... para mim é coisa de bobo*

No excerto 4 duas vezes o aluno enfatiza que não acredita que exista discriminação: “preconceito pra mim não existe” e “mas a discriminação não existe”. No entanto, depois das afirmações que não acredita que exista preconceito ele explica o motivo, “não:: discriminação para mim não existe porque eu não acredito nessas coisas né” e “mas a discriminação não existe... para mim é coisa de bobo”, ou seja, ele dá pistas de que quando percebe discriminação, considera que seja “coisa de bobo” para não ser atingido negativamente.

Para Bader Sawaia (2001, p. 9) “a exclusão é processo complexo e multifacetado, uma configuração de dimensões materiais, políticas, relacionais e subjetivas. É um processo sutil e dialético, pois só existe em relação à inclusão como parte constitutiva dela”.

5. *Considerações finais*

Com a observação dessas entrevistas percebemos que, apesar do aluno presenciar certo preconceito em seu dia a dia, talvez queira descrever essa situação de forma não negativa, afirmando que para ele não existe preconceito por “não acreditar nisso” ou por achar que seja “coisa de bobo”.

Outra questão diz respeito a sua identidade, que nesse momento talvez indique seu sentimento de pertencimento, porque por estar em condição de diáspora por motivos principalmente financeiras, há uma busca constante em conseguir demonstrar que sua cultura e características sociais são muito parecidas com a cultura brasileira, o tornando similar ao brasileiro e, portanto, demonstrando possuir uma ideia que esteja incluído socialmente.

Assim, talvez seja possível identificar, pelos recortes selecionados dos entrevistados, que a representação de identidade dos haitianos traz uma tentativa de ressignificação identitária de uma forma geral na socie-

dade brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BHABHA, Homi. O Pós-colonial e o Pós-moderno. In: _____. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CORACINI, Maria José. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira), plurilinguismo*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

DERRIDA, Jacques. *Margens da filosofia*. Trad.: Joaquim Torres Costa e Antônio M. Magalhães. Revisão técnica: Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papirus, 1991.

_____. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Trad.: Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *A escritura e a diferença*. Trad.: Maria Beatriz M. N. da Silva. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____; ROUDINESCO, Elizabeth. *De que amanhã... diálogos*. Trad.: André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

DRUMONT, Mary Pimentel. Elementos para uma análise do machismo. *Perspectivas*, São Paulo, vol. 3, p. 81-85, 1980.

FOUCAULT, Michel. *Uma trajetória filosófica*. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

_____. *A ordem do discurso*. Trad.: Laura Fraga de Almeida Sampaio. 12. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

GRIGOLETTO, Marisa. Língua e identidade: representações da língua estrangeira no discurso dos futuros professores de língua inglesa. In: ____; CARMAGNANI, Anna Maria Grammatico. (Orgs.). *English as a foreign language: identity, practices and textuality*. São Paulo: Humanitas, 2001.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomas Tadeu (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

INDURSKY, Freda. Polêmica e denegação: dois funcionamentos discursivos da negação. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n. 9, Campinas: Unicamp, 1990.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A análise do discurso: algumas observações. *D.E.L.T.A.*, vol., n. 1. São Paulo, fev. 1986.

PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Trad.: Eni Puccinelli Orlandi *et alii*. Campinas: Unicamp, 1988.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Ética da Desconstrução. In: NASCIMENTO, Evandro; GLENADEL, Paula (Orgs.). *Em torno de Jacques Derrida*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006.

SAWAIA, Bader. Uma ideologia separatista? In: _____. (Org.). *As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis: Vozes, 2001

SPIVAK, Gayatri Chakraworty. *Pode o subalterno falar?* Trad.: Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: UFMG, 2010.